

1. Virtudes cardeais, prioridade da prudência

- Quando falamos nas virtudes humanas estamos tratando do que, exatamente?

- Estamos falando da própria realização do homem enquanto homem. Todo o universo, o Cosmos, é uma realidade essencialmente dinâmica: ao mesmo tempo em que é, é um vir-a-ser, um processo de transformação no ser, em certo sentido tornando-se, vindo a ser mais ou menos. Todo e qualquer ser é, mas está sempre se aperfeiçoando no ser, ou se degenerando, a ponto de deixar de ser quando o a degeneração do ser atinge o grau máximo.

- O universo é assim. É, ao mesmo tempo que se aperfeiçoa e, segundo nos diz a revelação em algum momento deixará de ser. Nos seres vivos esse processo ocorre de maneira inexorável e rápida: uma planta surge, cresce, se desenvolve, se define e morre.

- O ser humano, por sua vez, não foge a essa regra, essencialmente; mas é diferente. Com a morte cessa o ser material, deixando de ser homem e se tornando um cadáver. Entretanto, a alma humana, por ser de natureza espiritual, não deixa de existir; e o “grau de ser” dessa alma assume, por toda eternidade, o grau de ser que atingiu no momento da morte.

- Pois bem, o grau de desenvolvimento da alma humana corresponde justamente às virtudes que o homem adquiriu ao longo de sua vida na terra: a que ponto as suas potências da alma (inteligência, vontade, afetividade, sensibilidade etc.) se aperfeiçoaram.

- Isso, para fazer uma distinção não muito correta, no plano humano; se contarmos com a graça de Deus, essas mesmas virtudes são elevadas a uma ordem superior; passam a ser, no fundo, uma medida do grau de identificação com Cristo.

- Ao mesmo tempo, um outro conjunto de virtudes, essas sim de ordem estritamente sobrenatural, é infundido na alma por Deus: as virtudes teologais, fé, esperança e caridade.

- Desse modo, a perfeição cristã, a própria santidade, é avaliada justamente por esse conjunto de virtudes: virtudes humanas elevadas à ordem sobrenatural e as virtudes teologais.

- Como todos sabem, a filosofia clássica divide as virtudes humanas em 4 grandes blocos, dentro dos quais se aninham todas as outras virtudes humanas. São as quatro virtudes cardeais (prudência, justiça, temperança e fortaleza).

- Hoje, vamos falar da prudência, que de todas é a mais importante. É chamada de genitrix virtutum, é o ponto de partida para todas as virtudes humanas. Posteriormente falaremos das justiça e da temperança.

2. Definições da prudência

- Num primeiro momento, quando se fala em prudência, se pensa em precaução, em pé-a-trás. Opa, pera aí. Não vamos nos meter em fria. O que é que eu ganho com isso?

- De fato, o termo prudência perdeu o seu sentido original, ou clássico, e se tornou uma espécie de reserva no agir. Quando na realidade é exatamente o contrário.

- A definição sintética da prudência é: a reta razão no agir. Para agir bem não basta a boa vontade. É necessária a escolha de uma conduta. Know-how. Paul Claudel chamava a prudência da “proa inteligente da virtude”.

- Destreza da razão para o bem. Achar a maneira certa de agir. (Diziam de NSJC: fez tudo bem feito)

- É a capacidade de caracterizar uma situação, determinar o que é realmente relevante p/ tomar uma decisão.

- A prudência é uma capacidade de enxergar a realidade das coisas.

- Essa “clarividência”, entretanto, não vem apenas da esperteza, da sacada. É não só “ver a realidade”, mas uma efetiva “busca da verdade”, mesmo quando na situação concreta nossos interesses pessoais estão envolvidos, e que eventualmente deverão ser calados.

- Essa é a primeira parte da prudência: ver a verdade das coisas (também chamado momento cognoscitivo). E surge então a segunda: transformar a verdade das coisas em diretriz do próprio querer e do agir (momento volitivo).

- Não sei de dá para entender como isso é importante: o bem (o bem mais profundo, mais essencial) do homem é agir segundo a verdade, que por sua vez é mostrada pela razão. Se o homem não age segundo a razão que lhe mostra a verdade, qualquer ato deixa de ser bom, por que não foi avaliado moralmente quanto tal pelas instâncias cognoscitiva e deliberativa do homem, isto é, o que justamente o torna um ser espiritual e livre. Sem prudência não há atos propriamente humanos.

3. Etapas da prudência e imprudência

- Todo ato da virtude da prudência possui basicamente 3 etapas: reflexão, juízo (aspectos cognoscitivos) e a decisão (aspecto diretivo). Exemplo comer sorvete.

- Com relação à prudência cognoscitiva, Sto. Tomás fala em três pressupostos para ela: memória, docilidade e solércia.

- Memória é fidelidade ao ser, é o primeiro pressuposto para a perfeição da prudência e o mais ameaçado. A ruína da memória é a falsificação dos sim e do não por meio da vontade. É o que se chama na ascética de sinceridade consigo mesmo. Devemos estar atentos para isso: pequenas tergiversações, mudanças de acento, retoques, omissões.

- Outro pressuposto da prudência cognoscitiva é a docilitas, docilidade. É a capacidade de deixar-se instruir (é a própria etimologia da palavra), que brota do do desejo de conhecimento verdadeiro, que contém a humildade. Ninguém se basta a si mesmo.

- Pedir conselho, discutir os problemas com pessoas dotas e bem intencionadas. Esse é um fator absolutamente fundamental na tomada de decisões retas e na formação da nossa prudência.

- O terceiro é a solércia: objetividade na situação crítica: nem fechar os olhos, nem fazer qualquer coisa; habilidade em dar uma resposta nova numa situação nova.

- Assim, é possível apontar, onde incidem as diferentes formas de imprudência: precipitação ou temeridade (não delibera), irreflexão, inconsideração (não julga), indecisão, negligência e desatenção no exame das realidades concretas.

- Para Sto. Tomás, a forma mais profunda de imprudência é a luxúria, a perda da capacidade de decisão no contato com os bens do mundo e dos sentidos. A raiz da imprudência está de fato na intemperança (gula e luxúria), da falta de controle da concupiscência, do gosto, do prazer. O sensual não consegue fixar a atenção no que é importante, e não tem constância por causa dos sentimentos não educados. Não tem sentido de compromisso.

- Não é possível deliberar se a pessoa estiver coletando imagens o tempo todo.

- Existem as tendências contrárias à prudência por falta na vontade: ao invés de procurar o bem, o imprudente procura o interesse. Observa tudo sob o prisma do poder, da segurança, do interesse pessoal.

- Existe também a imprudência da falsa prudência, cuja forma mais pura é a astúcia: sinuosidade, a falta de simplicidade. Está ligada à pusilanimidade, pois o magnânimo gosta de se manifestar claramente a respeito de todas as coisas.

- Há também a hiper-prudência, que tem a sua origem na avareza. Desmedida aspiração a todo o tipo de posse, com a qual o homem quer assegurar sua verdadeira grandeza e valor: auto-conservação no que é “firme e seguro”. Muitas

vezes, a prudência só é possível; com o desprendimento e a abnegação da juventude.

4- Dom do conselho.

- Esse dom do ES consiste numa luz sobrenatural de Deus para discernir o verdadeiro bem sobrenatural; o homem que tem esse dom, por ser dirigido pelo ES, é capaz de dirigir os outros.

- Ponderar as coisas diante de Deus, fazer oração. Em muitas ocasiões, será aí que tomaremos prudentemente as decisões importantes da nossa vida: Cam 266 Não tomes uma decisão sem te deteres a considerar o assunto diante de Deus.